



Cartas Pedagógicas sobre a Docência

Rosaura Soligo

Ficha Técnica

Projeto Gráfico e Diagramação: GFK Comunicação

Revisão: Adriana Stella Pierini

Fotos: Rosaura Soligo

Agradecimento

A Adail Sobral, pela gentileza da revisão conceitual da Carta 9 - Sobre gêneros e textos.

À Gizah Garcia Leal, pela colaboração sempre bem-vinda no processo de revisão.

© by Autora, 2015

Catálogo na Publicação (CIP) elaborada por
Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

So44c Soligo, Rosaura.

Cartas pedagógicas sobre a docência / Rosaura Soligo. –
São Paulo: GFK, 2015.

ISBN: 978-85-69833-00-0

1. Docência. 2. Planejamento pedagógico. 3. Metodologia. 4.
Didática. 5. Leitura. 6. Escrita. 7. Produção de textos. I. Título.

RP-15-060-BFE

20a CDD - 378.12

Impresso no Brasil
Dezembro 2015
ISBN - 978-85-69833-00-0
© Todos os direitos reservados e protegidos por lei

1ª Edição

São Paulo - 2016

Cartas Pedagógicas sobre a Docência

Rosaura Soligo



Prefácio

Como percorrer o livro de uma professora e não sair ileso da leitura

Em um prefácio, é sempre difícil fazer escolhas de enunciados que possam, ao mesmo tempo, apresentar a potência da escrita de um autor e os conhecimentos relevantes que impregnam cada um dos textos por ele escrito. Nesse caso é uma autora, ou melhor, uma professora, como Rosaura se apresenta. E não seriam só conhecimentos relevantes, mas importantes aprendizados constituídos pela reflexão de um “bom tempo” de carreira docente, de formadora, de pensadora de questões educacionais.

Como disse o poeta Manoel de Barros em um dos poemas de *Memórias Inventadas*, “Ao escrever a um amigo, mais tarde na paz de sua casa, se lembrou do delírio: até as pedras da rua choravam. Era tão bela a frase porque irracional. Ele disse.” Inspirado por essa leitura, vejo que é preciso alguma irracionalidade para fazer uso do gênero prefacial e poder apresentar os *pentimentos-sentamentos* que me tomaram ao ler estas cartas tão afetuosamente produzidas.

De primeiro, quero dizer da potência da escrita da Rosaura e do seu pensamento autoral “sólido”.

Não, não escrevi errado... É mais do que sólido o seu pensamento, porque se produz no diálogo com muitas vozes – vivas e idas, do tempo presente, passado e, quiçá até mesmo, futuro.

Uma solidez que se constitui no diálogo, nem sempre harmonioso, nem sempre tenso, mas que acontece pelo empenho em pensar o próprio pensamento e também em pensá-lo com o pensamento do imediato outro a pensar junto, em turnos que constroem múltiplas possibilidades interpretativas. É um pensamento *soligamente* construído que se expressa de muitos modos, seja abrindo debates, findando palestras, compondo argumentos em textos de ampla divulgação ou mesmo se afirmando em notas de circulação restrita. Como este:

A docência pressupõe um amplo repertório de conhecimentos sobre os conteúdos a serem trabalhados, sobre como os alunos aprendem e se desenvolvem e sobre formas adequadas de estabelecer uma mediação didática que os faça aprender o mais possível.

O que posso depreender de enunciados assim é que são amalgamados a partir de muitas leituras, reflexões e conexões de natureza diversa: nestas cartas, cada palavra se diversifica em enunciados que tecem outras e potentes compreensões sobre o trabalho docente e o trabalho de outros educadores da escola.

Também o modo como Rosaura faz uso do pensamento de seus interlocutores vale aqui um comentário.

O uso livre de autores consagrados em educação, a partir de paráfrases muito bem elaboradas, fundamentadas e arquitetonicamente¹ acabadas, é uma marca da produção desta escritora. Mas ela também faz uso do pensamento de autores que cotidianamente constroem conhecimentos na lida diária de seus afazeres pedagógicos e educacionais, de modo a entretecer o seu pensar e a conferir grande consistência a essas elaborações, supostamente casuais, mas que são nomeadas e reconhecidas em sua potência por nascerem no trabalho e pelo trabalho em educação.

Aqui há um diálogo constante com os leitores, as leitoras, chamados a refletir sobre suas dúvidas e certezas e a sustentar o diálogo no tênue fio que enreda autor/a, conhecimentos e leitor/a:

Vocês já pensaram que o magistério é uma das maiores categorias profissionais do país e que a formação das crianças, adolescentes e jovens depende especialmente do trabalho dos professores?

E por fim não poderia deixar de dizer da obstinação, quase *letral*, que Rosaura tem com o seu leitor – seja ele/ela quem for. Cada letra e seus encadeamentos em palavras, frases, enunciados são pensados e trabalhados por escrito com o firme e *sólido* propósito de enredá-lo, de enredá-la, no que vai sendo tecido por escrito.

É o que acontece, por exemplo, neste início de uma das cartas:

¹ Como nos diz Bakhtin no livro *Estética da Criação Verbal*.

Os textos escritos não são fruto apenas do que os escritores querem dizer, mas também do que eles supõem ser de interesse dos leitores. Há um 'contrato' implícito entre autor e leitor. Quem escreve imagina um leitor empenhado em compreender o que o texto diz: nenhum texto é suficientemente bom para dispensar o necessário exercício de atribuição de sentido por parte de quem lê. Os leitores, por sua vez, esperam que os autores estejam dizendo algo de fato interessante, algo que vale a pena ler.

E também os acabamentos exprimem essa preocupação meticulosamente construída de afetar o leitor, a leitora, em suas convicções:

Essa ideia, na educação escolar, pressupõe acreditar que, diante do estímulo da informação sobre o conteúdo, dado pelo professor, supostamente virá, em resposta, tal e qual, o conhecimento do aluno. Mas a realidade tem mostrado, já não é de hoje, que as coisas não são assim, não é mesmo?

Saudações,

Rosaura Soligo

Espero que essas minhas palavras constituídas no diálogo com as cartas da professora Rosaura Soligo possam produzir em cada leitor/a uma faísca de interesse, para que a leitura realizada produza novas possibilidades interpretativas das atividades docentes e do trabalho pedagógico dos educadores. E, quem sabe, essa leitura acenda em cada um/a o desejo de também escrever e compartilhar a rica trajetória profissional vivida e experienciada no cotidiano da educação, como a autora faz:

Não sei se vocês escrevem ou não, nem sei também se pensam como eu. Mas posso dizer, de dentro da minha própria experiência, que esta satisfação é uma conquista que todos nós merecemos ter.

Boa leitura a todas e todos!

Guilherme V. T. Prado

Campinas, dezembro de 2015.

Este livro é dedicado a todos os educadores valorosos que – com seus saberes e não saberes, suas perguntas e respostas, dificuldades e invenções originais – me ensinaram a real importância do conhecimento didático e da sabedoria da experiência, instigando a produção dos escritos que se transformaram nestas cartas.

Rosaura Soligo



Sumário

Carta 1 Primeiras palavras	11
Carta 2 Cuidados necessários no trabalho pedagógico.....	23
Carta 3 Questões a considerar na docência.....	33
Carta 4 O planejamento do trabalho pedagógico.....	53
Carta 5 Desafios do ensino de leitura e escrita.....	75
Carta 6 Atividades de alfabetização.....	81
Carta 7 Para ensinar a ler.....	109
Carta 8 Escrever é preciso	121
Carta 9 Sobre textos e gêneros.....	129
Carta 10 Uma nota para a avaliação	139
Carta 11 Por que nem sempre conseguimos ensinar a todos?.....	147
Carta 12 É cedo ou tarde demais para desistir.....	157
Carta 13 De volta ao começo	169
Bibliografia	179

Carta 1

Primeiras palavras

Caras professoras, caros professores

Este livro reúne cartas formativas sobre a docência, escritas em linguagem acessível e tom de diálogo, com a intenção de contribuir para a ampliação do conhecimento sobre o ensino e a aprendizagem.

A convicção na qual se apoia o conteúdo das cartas é de que todo professor é um profissional da educação e, como tal, sua atuação se desdobra em pelo menos três dimensões importantes: é, ao mesmo tempo, um profissional da sociedade (um cidadão), da escola (um integrante da instituição escolar) e da sala de aula (um docente, um professor de fato).

...



Carta 2

Cuidados necessários no trabalho pedagógico

Caros professores e professoras

O que hoje se verifica é que a tendência predominante nas concepções de currículo escolar tem o foco no uso dos conhecimentos adquiridos, e não no acúmulo de informações que se somam ano a ano, sem que os alunos efetivamente trabalhem com elas. Não são poucos os estudos a evidenciar que informação e conhecimento são coisas muito diferentes e que, do ponto de vista da aprendizagem, as informações que contam, de fato, são aquelas que se convertem em conhecimento próprio.

Esse pressuposto requer abordagens metodológicas compatíveis e, atualmente, as que são consideradas mais adequadas são as metodologias centradas no trabalho com situações-problema: situações desafiadoras, porque difíceis e possíveis ao mesmo tempo, em que se articulam atividades desenvolvidas pelos alunos e intervenções pedagógicas adequadas às necessidades e possibilidades de aprendizagem que eles têm.

...



Carta 3

Questões a considerar na docência

Caros professores e professoras

A observação de como se dão os processos educativos tem evidenciado que, além dos cuidados pedagógicos abordados na carta anterior, que são de natureza metodológica, há outros necessários, relacionados a um conjunto de fatores que interferem direta ou indiretamente na aprendizagem dos alunos. Aqui estão comentados como questões essenciais da docência:

- A concepção de ensino e aprendizagem do professor e o seu nível de conhecimento profissional
- A crença do aluno na sua própria capacidade de aprender
- O contexto em que as situações de ensino e aprendizagem acontecem
- O contrato didático
- A relação professor-aluno
- As condições que favorecem o engajamento

...



Carta 4

O planejamento do trabalho pedagógico

Caros professores e professoras

O planejamento do trabalho pedagógico nem sempre tem ocupado o merecido lugar na prática de todos professores e, infelizmente, não são raras as reações negativas diante da necessidade de planejar continuamente, talvez por estar, em geral, associada a uma exigência burocrática. Mas, na verdade, a razão de ser do planejamento é orientar o ensino (e, conseqüentemente, favorecer a aprendizagem), portanto, a sua principal finalidade é didática.

...

Carta 5

Desafios do ensino de leitura e escrita

Caros professores e professoras

Hoje vivemos um problema muito grave em relação ao ensino e aprendizagem da leitura e, para entender melhor a real dimensão que ele tem, basta verificar o que indica a pesquisa realizada a cada dois anos desde 2001, em um universo de duas mil pessoas entre 15 e 64 anos, de diferentes classes sociais em todas as regiões do país, para aferir o chamado Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional – INAF.

Na edição da pesquisa que completou uma década em 2011, o Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa, parceiros na criação e implementação do INAF, mostraram que os resultados no período de 10 anos indicam uma redução do analfabetismo absoluto e da alfabetização rudimentar e um incremento do nível básico de habilidades de leitura, escrita e matemática. No entanto, a proporção dos brasileiros que atingem um nível pleno de habilidades manteve-se praticamente inalterada, em torno de 25%.

...

Carta 6

Atividades de alfabetização

Caros professores e professoras

Por prudência pedagógica, esta carta inicia com um alerta: as propostas aqui abordadas tendem a ser produtivas apenas quando as convicções do professor se aproximam das concepções defendidas neste livro e quando fazem parte de um conjunto de práticas de uso diversificado da linguagem e de letramento – descontextualizadas e sem a adequada intervenção, elas podem se revelar pouco úteis, sem sentido ou até mesmo difíceis de encaminhar.

São propostas de resolução de situações-problema orientadas pela convicção de que a conquista da alfabetização é resultado de um exercício permanente de análise e reflexão sobre a língua, que permite a compreensão das regularidades e regras de geração da escrita alfabética.

...

Carta 7

Para ensinar a ler

Caros professores e professoras,

Durante séculos, em alguns países, uns poucos escravos aprenderam a ler, em condições extremamente adversas, às vezes arriscando a própria vida para um aprendizado que, devido às dificuldades, acabava levando vários anos.

Hoje, já no século 21, o Brasil é um país em que muitas crianças não têm assegurado o seu direito de aprender a ler na escola. Inúmeros especialistas em dificuldades de aprendizagem afirmam, não é de hoje, que crianças e adolescentes com comprometimento cognitivo real – ou seja, que não são capazes de aprender os conteúdos escolares – são bem poucos.

Por isso, é preciso difundir amplamente os conhecimentos disponíveis sobre os processos de aprendizagem: quanto maior o conhecimento a esse respeito, maiores serão as chances de ensinar a todos. Para contribuir nesse sentido, compartilho aqui algumas informações de como acontece o processo de leitura.

...



Carta 8

Escrever é preciso

Caros professores e professoras

Os textos escritos não são fruto apenas do que os escritores querem dizer, mas também do que eles supõem ser de interesse dos leitores. Há um 'contrato' implícito entre autor e leitor. Quem escreve imagina um leitor empenhado em compreender o que o texto diz: nenhum texto é suficientemente bom para dispensar o necessário exercício de atribuição de sentido por parte de quem lê. Os leitores, por sua vez, esperam que os autores estejam dizendo algo de fato interessante, algo que vale a pena ler.

Meu avô nos escrevia três vezes por semana, para mim uma carta toda em versos. Para que eu apreciasse melhor a minha felicidade, minha mãe estudou e me ensinou as regras da prosódia. Alguém me surpreendeu rabiscando uma resposta versificada; insistiram para que eu a terminasse, ajudaram-me a fazê-lo ... Na volta do correio, recebi um poema em minha glória; respondi com outro poema. O hábito estava adquirido, avô e neto haviam se unido por um novo laço ... Ofereceram-me um dicionário de rimas, tornei-me versificador ... Eu escrevia por macaquice, por cerimônia, para bancar o importante; escrevia sobretudo porque era neto de Charles Schweitzer.

Jean-Paul Sartre

...

Carta 9

Sobre textos e gêneros

Caros professores e professoras

Esta carta trata brevemente de textos e gêneros. Por não ser esse um assunto muito simples, penso que o mais oportuno é partir de um exemplo bem conhecido.

Vamos tomar então a carta como exemplo.

A carta é um gênero ou um texto? Esta, que escrevo a vocês, é um gênero ou um texto?

Se considerarmos que os gêneros se constituem sempre a partir de intenções comunicativas e necessidade de interação humana que se impõem em determinado momento, podemos dizer que a carta é, sim, um gênero (bem antigo, inclusive) que nasceu da necessidade de comunicação pessoal a distância. Entretanto, este escrito aqui endereçado a vocês como carta não é propriamente o gênero carta (embora use uma estrutura textual típica de carta) porque está descaracterizado da sua função social real de correspondência de fato.

...



Carta 10

Uma nota para a avaliação

Caros professores e professoras

Nem sempre estão muito claras as semelhanças e diferenças entre propostas de ensino e propostas de avaliação, por isso, nesta carta será este o assunto principal.

Propostas de ensino e aprendizagem

As atividades, tarefas ou situações de ensino e aprendizagem são as propostas feitas aos alunos para trabalhar um ou mais conteúdos. Há uma relação muito estreita entre expectativas de aprendizagem, conteúdos e atividades porque os conteúdos, selecionados em função do tipo de capacidade que se espera dos alunos, são trabalhados a partir das propostas de atividade. Ou, dito de outro modo, é por meio das atividades que se tratam os conteúdos para que sejam desenvolvidas as capacidades indicadas como expectativas de aprendizagem.

...

Carta 11

Por que nem sempre conseguimos ensinar a todos?

Caros professores e professoras

Durante os vários anos da nossa trajetória como profissionais da educação, nos perguntamos por que nem sempre é possível ensinar a todos os alunos.

Claro que a não aprendizagem do outro não é de nossa responsabilidade exclusiva nem mesmo quando exercemos a docência, cujo propósito é justamente promover a aprendizagem. Mas essa responsabilidade é também nossa.

Para ampliar a reflexão a esse respeito, vamos considerar algumas questões nem sempre lembradas no momento em que nos perguntamos “por quê?!”.

...



Carta 12

É cedo ou tarde demais para desistir

Caros professores e professoras

Este texto, que transformo agora em uma carta para vocês, foi escrito em 2004 e endereçado a um amigo muito talentoso, mas resistente para escrever. Na época, o texto foi chamado de **Manual para forjar o desejo de escrever** ou **É cedo ou tarde demais para desistir de escrever**.

Resolvi endereçá-lo agora a vocês porque penso que, assim como aconteceu com meu amigo, o que aqui está dito talvez possa ajudá-los a olhar a relação que vocês têm com a escrita. Segue então o texto na íntegra, tal como foi concebido, na forma de manual, e depois alguns comentários.

...



Carta 13

De volta ao começo

Caros professores e professoras

Esta é a última das cartas deste livro.

Aqui achei por bem compartilhar com vocês dois textos que me são muito caros. Um deles é o meu primeiro relato de experiência publicado, há bem mais de duas décadas, precisamente em 1989. O outro é um breve relato de memórias, escrito muitos anos depois e publicado em 2014 no livro *Pipocas Pedagógicas II - Narrativas Outras da Escola*.

Assim vocês poderão conhecer um dos meus registros no início da carreira e quais lembranças marcaram a minha história de professora, a partir de um olhar retrospectivo muito tempo depois.

...

EM BUSCA

"... Creio que o relatório* a respeito do trabalho desenvolvido neste ano começa, na verdade, no ano passado, talvez antes...

O ano de 1987 foi para mim muito duro. Passei boa parte dele com uma contradição que é, para mim, insuportável: pensar de uma forma e agir de outra. Eu já vinha lendo muita coisa a respeito de pré-escola e alfabetização pelo fato de ter duas filhas em idade pré-escolar e, não só devido às leituras mas também pela observação de como se dava a aprendizagem da leitura de minha filha mais velha aos 5 anos e meio — a despeito de minha vontade — já vinha concluindo que o processo de aquisição da leitura acontece de forma diferente desta que sempre supomos.

Eu já havia trabalhado com alfabetização há algum tempo, usando a cartilha, da forma que aprendemos a usá-la com as pessoas que já alfabetizavam. Mas achava esse processo pobre e limitado. Sempre procurei criar muitos materiais e atividades, mas a espinha dorsal do trabalho sempre era, senão a cartilha, a silabação seqüenciada que a norteia.



Rosaura Soligo é formada em Psicologia e Pedagogia, doutora em educação e pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada da UNICAMP, coordenadora de projetos do Instituto Abaporu de Educação e Cultura, com experiência em alfabetização, formação continuada, reorientação curricular, elaboração de projetos, documentação da prática profissional, produção de material didático e vídeos educativos. Autora de muitas publicações na área da educação e mediadora de algumas páginas na internet, abertas à participação de todos, com o propósito de incentivar as pessoas a escrever.

Mãe de duas mulheres sensíveis e talentosas, Maíra e Morena, também militantes da vida e da construção de um mundo melhor para todas as pessoas.